



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Tiago Quintana¹

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”: uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*

“Since you have been very much praised by good and wise men”: an analysis of the ideological discourses in *The Story of Norna-Gest*

Resumo:

Este artigo apresenta a narrativa islandesa do séc. XIV *O conto de Norna-Gest* e seus contextos sociocultural e literário a fim de analisar, do ponto de vista da Linguística Textual e da Análise Crítica do Discurso, os discursos ideológicos que permeiam a obra e assim observar como uma obra de ficção pode ser usada como prática discursiva para se apoiar (ou confrontar) uma hegemonia ideológica existente.

Palavras-chave:

Sagas nórdicas; Linguística Textual; Análise Crítica do Discurso; *Norna-Gest*.

Abstract:

This article presents the 14th-century Icelandic narrative *The Story of Norna-Gest* and its socio-cultural and literary contexts in order to analyze, from the point of view of Textual Linguistics and Critical Discourse Analysis, the ideological discourses that pervade the work and thus observe how a work of fiction may be used as a discursive practice to support (or confront) an existing ideological hegemony.

Keywords:

Norse sagas; Textual Linguistics; Critical Discourse Analysis; *Norna-Gest*.

¹ Bacharel em Letras Português-Inglês pela UFRJ e Veiga de Almeida.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

1. Introdução

A literatura é um reflexo da sociedade que a produz – não no sentido de ser uma reprodução fiel e exata de seu contexto sócio-histórico, mas sim por refletir ideologias² e ideais do mesmo. A criação verbal – e todo texto, em essência, é um ato de criação verbal – necessariamente reflete o contexto sociocultural na qual foi produzida, da mesma maneira que também influencia esse mesmo contexto.

A literatura nórdica medieval tem nas sagas uma de suas mais significativas manifestações. Nelas estão representados diferentes aspectos socioculturais do mundo nórdico, e embora sua autenticidade histórica ainda seja motivo de discussões acadêmicas, seu valor como fontes literárias para estudo das transformações sócio-históricas dos povos nórdicos medievais é inegável.

Uma das obras dessa literatura é o *Norna-Gests thátttr*, traduzido para o português como *O conto de Norna-Gest*.³ O conto data do séc. XIV e faz parte do *Flateyjarbók* (“O livro da ilha plana”, em uma tradução livre), uma coletânea de narrativas compilada pelos padres islandeses Jon Thordson e Magnus Thorhalson (embora tenha sido escrito pelo menos algumas décadas antes dessa compilação por um autor desconhecido). No conto, Olaf Tryggvason, rei da Noruega, hospeda Norna-Gest, um imortal que, após regalar o monarca com histórias sobre heróis nórdicos lendários, se converte ao cristianismo no final do enredo e aceita finalmente morrer.

A prática textual do conto traz à tona várias considerações sobre a construção de sentidos e intencionalidade do texto, e também sobre os conflitos de hegemonia e ideologia nele presentes. Por exemplo, não é coincidência que Norna-Gest, originalmente pagão, aceite o batismo justamente por influência de Olaf Tryggvason, o rei que, apesar de seu curto reinado, entrou para a História (dentre outros motivos) por forçar a Noruega a se converter ao cristianismo.

² Por “ideologia”, entende-se tanto uma doutrina sociopolítica adotada de maneira consciente quanto o conceito usado por Louis Althusser, o de uma expressão inconsciente de uma formação social.

³ Ver Quintana, T. (2013). O conto de Norna-Gest. In: Birro, R. M. & Langer, J. (orgs.). *Escandinávia Medieval* (pp. 393-421). Vitória: DLL-UFES.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

O uso da Literatura como base para se estudar a História sempre deve ser acompanhado de ressalvas e observações; os estudiosos da cultura nórdica medieval do séc. XIX e começo do séc. XX, por exemplo, presumiram que as sagas nórdicas que tratavam de personagens históricos eram retratos fiéis da sociedade nórdica medieval, e depois se viu que elas continham muitos exageros e inverdades.⁴ História e Literatura, ambas as disciplinas têm suas próprias necessidades a considerar. É fato, no entanto, que a Literatura tem sido usada ao longo de sua existência para modificar o modo como a História é vista, e que a evolução da História também influencia a evolução da Literatura, voltando à ideia de que a literatura é um reflexo de sua sociedade.

A proposta deste artigo é discutir as práticas textual, discursiva e social do conto de Norna-Gest a fim de comprovar que o conto islandês medieval contém um discurso ideológico cristão e norueguês, isto é, um discurso que demonstra uma relação de predominância e sujeição entre a fé cristã e o imaginário pagão e que reforça a manutenção da autoridade norueguesa sobre a Islândia em contraposição à autoridade dinamarquesa. Com isso, espera-se observar a partir de um caso específico como uma obra de ficção pode ser usada como prática discursiva se defender uma ideologia e manter uma hegemonia ideológica existente.

2. Breve descrição do contexto sociocultural no qual o conto de Norna-Gest foi produzido

Chama-se “nórdicos” os povos germânicos medievais originários da Escandinávia e da atual Dinamarca, à exceção dos finlandeses e dos lapões: os jutos e daneses, ancestrais dos atuais dinamarqueses; os getas e suevos, ancestrais dos atuais suecos; e os noruegueses, ancestrais dos atuais noruegueses e islandeses. Esses povos eram ligados entre si por uma ancestralidade comum, pela cultura, pela religião, e pela língua. Embora sejam popularmente conhecidos como “vikings”, isso é um erro, pois os vikings⁵ eram especificamente os nórdicos que partiam em expedições marítimas de pilhagem, conquista ou comércio; não como um exército a serviço do rei, defendendo os interesses da coroa, mas sim como bandos guerreiros a serviço

⁴ Ver Boulhosa, P. P. (2005). Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. *Signum*, n. 7, 13-39; e Clover, C. J. J. & Lindow, J. (orgs.). (2005). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press.

⁵ Por razões estilísticas, preferiu-se usar a tradução corrente “viking”, em vez da tradução mais antiga “viquingue”.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

de senhores locais, em busca de riquezas e glória. Do século VIII ao século XI, esses povos lançaram-se ao mar em busca de pilhagens, rotas de comércio, e terras para conquistar e colonizar. O impacto sociopolítico causado por eles na Europa foi tamanho que esse período também é conhecido como a Era Viking.

A sociedade nórdica da Era Viking tinha como principal grupo social o clã, um grupo de pessoas ligadas pelo parentesco e pela descendência de um ancestral comum. Essa sociedade dividia-se nas seguintes camadas socioeconômicas: os escravos (*thralls*), geralmente prisioneiros de batalhas, mas também escravos por dívidas ou homens livres punidos com a escravidão por seus crimes; os homens livres (*karls*), que podiam ser homens de posses modestas, como pequenos comerciantes e fazendeiros, homens quase sem posses, cuja principal fonte de renda eram os trabalhos que realizavam nas propriedades de outros, ou homens prósperos e politicamente influentes; e os nobres (*jarls*), líderes guerreiros e grandes proprietários de terras. Apesar da reputação belicosa dos nórdicos, a maior parte de sua sociedade era composta não por guerreiros profissionais, mas sim por agricultores, pescadores, artesãos e comerciantes.

A maior autoridade política entre os nórdicos, ao menos em teoria, era o rei (*konung*); na prática, no entanto, o verdadeiro poder político estava quase sempre nas mãos da aristocracia local (os *jarls*) e das assembleias locais (as *things*), onde se discutiam as leis, se faziam os julgamentos e se realizava a justiça. Muitas vezes ocorriam disputas de poder entre os reis e as autoridades locais, com os monarcas tentando impor seu poder sobre a aristocracia e as assembleias, mas nem sempre seus esforços eram bem-sucedidos; apenas quando a Era Viking já se aproximava de seu fim é que o poder real começou a suplantar o poder local.⁶

O abandono da religião pagã e a adoção do cristianismo na Islândia foi um processo que se originou principalmente de considerações políticas, não apenas religiosas. Em contraste com os reinos escandinavos, o cristianismo foi aceito pacificamente na Islândia e desenvolveu-se de maneira orgânica. No ano 1000 d.C., a assembleia geral da Islândia, seu principal corpo jurídico e legislativo, votou pela aceitação imediata da religião cristã, ao menos em público – o culto particular aos deuses pagãos ainda era permitido. Meio século depois, não havia ocorrido ainda nenhuma reação pagã à cristianização (em contraste com os reinos nórdicos escandinavos), ao passo que mais e mais padres e bispos eram enviados para a ilha, culminando, por fim, na criação da

⁶ Cf. Jones, G. (1984). *A History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press; e Sawyer, P. (org.). (1997). *The Oxford illustrated History of the Vikings*. Nova York: Oxford University Press.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

primeira sé islandesa e na ordenação do primeiro bispo islandês. Um século depois, quase toda a Islândia era verdadeiramente cristã, e a veneração pagã – mesmo quando realizada apenas em altares domésticos – já não era mais permitida (Jochens, 1999: 621-622).

Antes da assembleia geral tomar sua decisão, o rei Olaf Tryggvason enviara missionários cristãos para a ilha em um esforço de catequese que terminou por não ser bem-sucedido – aceitar o cristianismo por pressão do rei norueguês seria aceitar implicitamente o domínio da Coroa norueguesa sobre a Islândia (Sorensen, 1997: 220). No entanto, essa situação se alterou até o período em que o conto foi produzido.

O conto de Norna-Gest foi produzido na Islândia do séc. XIV; logo, séculos após a data tradicionalmente reconhecida como o fim da Era Viking. Não apenas a Islândia já era inteiramente cristã nessa época, como também já não existia mais como uma entidade política independente, fazendo parte do reino da Noruega; esta, por sua vez, tinha como monarca o rei Olaf II da Dinamarca (Olaf IV da Noruega) – embora os dois reinos fossem independentes entre si, eram governados pela mesma pessoa, o rei dinamarquês (uma situação que perduraria ainda por alguns séculos). Nessa época, o alto escalão do clero islandês começou a acumular cada vez mais terras e poder político (que desde meados do séc. XIII se concentrara sempre mais nas mãos de algumas famílias nobres, como os Sturlungs e os Ásbirnings, em detrimento das assembleias locais).⁷

3. Breve descrição do contexto literário no qual o conto de Norna-Gest foi produzido

A produção literária dos nórdicos medievais consistia principalmente na poesia éddica (assim chamada em referência à *Saemundr Edda*,⁸ que significa, em uma tradução livre, “a *Edda* de Saemundr”, que é uma referência a Saemundr Sigfússon, presumido autor da obra, teoria hoje abandonada), na poesia escáldica (assim chamada em referência aos poetas que a declamavam, os escaldos)⁹ e nas sagas. A maior parte dessa produção foi realizada na

⁷ Cf. Byock, J. L. (1990). *Medieval Iceland: Society, Sagas and Power*. Berkeley: University of California Press.

⁸ Obra ainda sem tradução para o português na qual vários desses poemas foram compilados.

⁹ Poetas e contadores de histórias da cultura nórdica (no original, *skalds*). Porém, não sabemos quase nada além disso: como eles aprendiam sua arte, se possuíam privilégios ou

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodaafortuna.com

Islândia, mas o gênero literário da poesia nórdica (assim como muitas das lendas e narrativas que serviram de base para os poemas e as sagas) é muito antigo, originário da cultura oral germânica e escandinava.¹⁰

A poesia éddica tinha como objetivo narrar as aventuras de deuses e heróis mitológicos, como os deuses Odin e Loki ou o herói Sigurd, enquanto a poesia escáldica tinha como objetivo recitar e enaltecer os feitos de condes, reis e heróis nórdicos, como os reis Ragnar Lodbrok e Olaf Tryggvason ou o herói Egil Skallagrímsson. De modo geral, a poesia éddica não era tão complexa, em termos de sintaxe, métrica e vocabulário, quanto a poesia escáldica, enquanto a maior parte dos poemas escáldicos tinham como tema personagens e eventos históricos, muitas vezes contemporâneos ao escaldo que compusera o poema, apesar de existirem também poemas escáldicos com temas mitológicos. Embora cada uma tivesse suas próprias características estilísticas e temáticas, bem como sua própria métrica, o uso de certos artifícios linguístico-literários, como aliteração,¹¹ *kenningar*¹² e *heiti*,¹³ era comum a ambas.

Exemplos de poemas éddicos são a *Sigrdrífumál* (“A balada de Sigurdrifa”, em uma tradução livre), que descreve um encontro entre o herói Sigurd e a valquíria Sigurdrifa (“Portadora da Vitória”, possivelmente um outro nome para a valquíria Brynhild) e como esta o ensina a invocar o poder

responsabilidades adicionais, se sua poesia refletia rituais religiosos, etc. É fato, no entanto, que o ofício de escaldo era respeitado, mesmo após a cristianização dos povos nórdicos; sabemos, por exemplo, que reis, nobres e bispos também eram escaldo.

¹⁰ Cf. Boulhosa, P. P. (2005). Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. *Signum*, n. 7, 13-39; Clover, C. J. J. & Lindow, J. (orgs.). (2005). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press; e Sawyer, P. (org.). (1997). *The Oxford illustrated History of the Vikings*. Nova York: Oxford University Press.

¹¹ Aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição de consoantes, vogais ou sílabas em um verso. Um exemplo disso é o verso infantil “O rato roeu a roupa do rei de Roma”. Na antiga poesia nórdica, no entanto, a aliteração consistia na repetição de sílabas tônicas, não de letras.

¹² *Kenningar* (no singular, *kenning*) são figuras de linguagem que, à semelhança da metonímia, substituem o nome de uma pessoa, objeto, local ou evento. Desse modo, o *kenning* “matador de gigantes” pode ser usado para substituir o nome do deus Thor, conhecido por suas batalhas contra os gigantes.

¹³ *Heiti* são palavras raras usadas no lugar de outras mais comuns por razões estilísticas. Um exemplo de *heiti* é o uso de *skaenadr* (“viajante veloz”, em uma tradução livre) em vez de *hest* (“cavalo”), ou, em português, o uso de “donzela” no lugar de “virgem”.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

mágico das runas; e a *Lokasenna* (“A contenda de Loki”), que descreve um banquete dos deuses durante o qual Loki e os outros deuses trocam insultos entre si, culminando no aprisionamento e punição de Loki pelo assassinato de Balder. Exemplos de poemas escáldicos são a *Ólafsdrápa Tryggvasonar* (“Louvor a Olaf Tryggvason”), que foi composto em homenagem ao rei norueguês Olaf Tryggvason e celebra seus feitos; e a *Íslendingadrápa* (“Louvor aos islandeses”) que relata a vida e os feitos de alguns heróis islandeses, como Egil Skallagrimsson, Grettir Asmundarson e Kormak Ogmundarson (que também são protagonistas de algumas sagas).

Já as sagas nórdicas eram histórias sobre deuses, heróis e antepassados da cultura nórdica. Eram, em sua maior parte, baseadas em histórias orais originárias da Escandinávia (ou seja, eram produto de uma cultura oral). Foram compostas entre os séculos VIII e XII, mas só foram registradas por escrito a partir do século XII, na Islândia; antes disso, elas tinham como objetivo serem narradas por escaldos. Podem ser classificadas de acordo com sua temática: as mais conhecidas são as sagas de reis, ou *konungasögur* (“histórias de reis”, em uma tradução livre), que narram a vida e os feitos de reis nórdicos; as sagas das famílias, ou *íslendingasögur* (“histórias de islandeses”), que narram eventos centrados ao redor de certas famílias e indivíduos históricos ocorridos na Islândia entre os séculos X e XI; e as sagas heroicas, ou *fornaldarsögur* (“histórias de tempos distantes”), que narram histórias lendárias repletas de elementos fantásticos e mitológicos.¹⁴

Exemplos desses tipos de sagas são a *Harald Hardrades saga*, uma saga sobre a vida, as conquistas e a morte de Harald *Hardrada* (Harald III da Noruega, “Harald o Tirano” em uma tradução livre) que faz parte da *Heimskringla*, uma crônica sobre os reis da Noruega desde a mítica linhagem dos Ynglings até o rei Magnus Erlingsson (Magnus V da Noruega) escrita por Snorri Sturluson no séc. XIII; a *Grettis saga*, uma saga sobre os feitos e as desventuras do fora da lei islandês Grettir Asmundarson, também conhecido como Grettir o Forte (de autoria anônima); e a *Hrólfss saga kraka*, uma saga centrada no lendário rei Hrolf *Kráki* (“Hrolf Vara”, assim chamado por ser alto e magro) e seus campeões enquanto enfrentam primeiro o rei Adils para vingar o pai de Hrolf e depois Skuld, a meia-irmã de Hrolf que tenta tomar-lhe a coroa (também de autoria anônima).

¹⁴ Cf. Boulhosa, P. P. (2005). Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. *Signum*, n. 7, 13-39; Clover, C. J. J. & Lindow, J. (orgs.). (2005). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press; e Lonnroth, L. (2011). The Icelandic sagas. In: Brink, S. e Price, N. (orgs.). *The Viking World* (pp. 304-310). Londres: Routledge.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

O conto de Norna-Gest é um *tháttir* – literalmente, um “conto”. Os *thaettir*, como o nome indica, são narrativas curtas que tratam de materiais variados, desde histórias de cunho relativamente mundano (como o conto de Gunnar, matador de Thidrandi) a histórias fantásticas (como o conto sobre a eterna batalha entre os reis Hedin e Hogni). São essencialmente sagas, em termos estilísticos (e vários dentre eles realmente são tratados por sagas, não contos), mas de menor escopo. Muitos deles foram coletados no *Flateyjarbók* (“O livro da ilha plana”) pelos padres islandeses Jon Thordson e Magnus Thorhalson.

4. Resumo do conto

Em certa ocasião, o rei Olaf Tryggvason estava em Trondheim quando recebeu a visita de um homem já avançado em anos que se apresentou como Gest. O rei norueguês convidou-o a hospedar-se naquela casa, mas disse também que só conversaria com ele no dia seguinte, pois já estava tarde.

À noite, Tryggvason sentiu que um elfo¹⁵ havia adentrado o recinto, apesar das portas estarem trancadas. O espírito passou por todos que dormiam no salão, mas deteve-se diante da cama de Gest, que antes de dormir fizera o sinal da cruz, e então desapareceu.

No dia seguinte, o rei conversou com Gest e descobriu que seu hóspede era cortês e ousado, mais que outros homens, e também tinha um nobre porte e sabia muitas coisas. Além disso, era hábil músico e poeta. Não era cristão, no entanto; apesar de ter recebido o sinal da cruz ao nascer, não fora batizado. O rei disse então que Gest poderia ficar junto dele por um tempo, mas que só poderia continuar a serviço do rei se recebesse o batismo; e também comentou que o rei danês (pois Gest dissera que era filho de um danês) fazia mal em deixar homens que não receberam o batismo viajarem para fora do reino, mas Gest respondeu que deixara a Dinamarca muito antes da conversão do reino ao cristianismo.

Mais tarde, durante as festas de Natal, Olaf Tryggvason recebeu de presente de um de seus seguidores um belo anel de ouro, de qualidade muito superior à de outros anéis, chamado Hnitud. O anel circulou entre as salas para que todos o admirassem, mas Gest, quando o viu, mal o olhou e logo o devolveu. Quando os outros convidados estranharam isso, Gest disse que já

¹⁵ Espíritos da natureza, ou mesmo divindades menores, possivelmente associados aos deuses nórdicos – especialmente a Frey, deus da fertilidade e da prosperidade.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

vira ouro de qualidade ainda superior. Eles riram e propuseram que Gest teria de provar que já vira ouro de melhor qualidade, e o rei julgaria se ele estava certo. Gest aceitou isso e depois tocou harpa noite adentro, para agrado geral.

No dia seguinte, Gest mostrou ao rei e aos outros presentes um pedaço do arção de uma sela feito de ouro puro. Olaf comparou esse pedaço ao anel Hnitud e concordou que o ouro que seu hóspede carregava era de qualidade superior. Olaf então pediu que o convidado contasse onde conseguira o ouro; Gest hesitou um pouco, pois achou que os presentes considerariam sua história por demais fantástica, mas então a contou.

Gest contou sobre a época em que ele serviu a Sigurd Sigmundarson,¹⁶ descendente da lendária linhagem dos Volsungs: Gest acompanhou Sigurd em sua expedição para matar os três filhos sobreviventes do rei Hunding, Lyngvi, Alf e Heming, para vingar o pai; matou o dragão Fafner e tomou para si seu imenso tesouro; e ajudou os cunhados a derrotar os filhos do rei Gandalf, e na mesma batalha venceu Starkad Storverksson, guerreiro de força e tamanho descomunais.

Quando Sigurd atacou os filhos de Hunding, estes se reuniram e usaram feitiçaria para causar uma tempestade que assolou os navios do herói; mas durante o trajeto, ele encontrou um homem que se apresentou como Hnikar, e quando Hnikar se juntou à expedição, não só a tempestade passou, como também só sopraram bons ventos a partir daí. Depois da batalha, Hnikar desapareceu, e houve quem dissesse que na verdade ele era o deus Odin disfarçado.

Por fim, Gest contou sobre a vez em que o maravilhoso cavalo de Sigurd, Grani, saltou sobre uma poça com tanto vigor que um pedaço do arção de sua sela, feita de ouro puro, quebrou-se, e Sigurd então deu esse pedaço de presente a Gest.

O rei Olaf ficou maravilhado com as histórias de Gest e quis que ele falasse ainda mais sobre tudo o que vira, e Gest falou até a hora de dormir. No dia seguinte, Tryggvason perguntou como era possível que Gest pudesse ter visto tantas coisas, e o nobre convidado concordou em contar mais histórias.

¹⁶ Um dos protagonistas da *Völsunga saga* e provavelmente seu personagem mais famoso. Serviu de inspiração para o personagem Siegfried da ópera *O anel dos nibelungos*, de Richard Wagner.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

Gest então falou sobre como Sigurd fora morto pelos próprios cunhados de maneira traiçoeira, e então falou sobre como Brynhild, que fora amante de Sigurd, ateara fogo ao cadáver de Sigurd e à si própria na pira funerária e depois, durante sua travessia para Hel,¹⁷ vencera uma gigante em um duelo de feitiçaria. O rei Olaf achou melhor interromper esse tipo de história, mas perguntou a Gest se ele já acompanhara os filhos de Ragnar Lodbrok.¹⁸ Gest respondeu que sim, por um curto tempo, quando eles saqueavam pelo sul nos arredores dos Alpes. Quando estavam se dirigindo a Roma, encontraram um peregrino que dizia ter vindo de Roma; para mostrar como a cidade ainda estava distante, ele exibiu seus sapatos com calço de ferro que já estavam quase em frangalhos na sola. Os filhos de Lodbrok então desistiram de saquear Roma, o que muitos na época acharam extraordinário, mas o rei Olaf Tryggvason comentou que certamente o peregrino era um espírito enviado por Deus para impedir que os vikings saqueassem a cidade sagrada.

Tryggvason perguntou então qual corte real mais agradou a Gest, de todas as que ele visitara. Depois de alguma deliberação, ele respondeu que fora a do rei Hlodve da Saxônia,¹⁹ onde o cristianismo era praticado com afinco.

Finalmente, Gest contou a Olaf Tryggvason por que se chamava Norna-Gest:²⁰ quando Gest nascera, seu pai convidara três videntes para a celebração de seu nascimento, esperando que elas vissem um bom futuro para a criança. A mais nova delas, no entanto, após ser ofendida por outros convidados, amaldiçoou a criança: ela morreria no exato instante em que uma

¹⁷ Um dos nove mundos da mitologia nórdica, uma terra de frio e névoa, moradia dos mortos. Dependendo do relato mitológico lido, só vão para lá os que morreram de doença ou velhice, ou os que foram malignos quando em vida; os outros mortos recebiam um além-vida mais agradável.

¹⁸ Viking lendário, personagem de várias sagas, inclusive a *Ragnars saga Lodbrókar* (“A saga de Ragnar Lodbrok”), da qual é o protagonista.

¹⁹ Luís I o Piedoso, filho de Carlos Magno e rei e imperador dos francos. A “Saxônia” refere-se aqui à porção germânica do império franco-germânico de Carlos Magno e seu filho.

²⁰ “Gest das Nornas”, ou “Hóspede das Nornas”. Por “nornas” entende-se não as lendárias três nornas, Urd, Verdandi e Skuld, que tecem o destino de deuses e homens, mas sim nornas “menores”, espíritos semidivinos que visitam as crianças no dia de seu nascimento para declarar seu futuro. No conto de Norna-Gest, as nornas mencionadas não demonstram nenhum traço sobrenatural que não seu dom de profecia – elas não são espíritos, mas sim videntes de carne e osso.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

velha próxima a ela terminasse de arder. Mas a vidente mais velha apagou a chama da vela, e enquanto a vela não terminasse de arder, Gest não morreria.

O rei Olaf perguntou-lhe por que ele o visitara. Gest respondeu que esperava encontrar boa fortuna com o rei, pois ele era muito elogiado por homens bons e sábios. Olaf então o convenceu a receber o batismo, e desde então Gest foi um servidor leal do rei, amado por todos.

Gest já tinha trezentos anos de idade. Quando o rei lhe perguntou quanto tempo ainda gostaria de viver, Gest respondeu que, se assim fosse a vontade Deus, apenas um breve período mais. Gest então se deitou e foi ungido com óleos sagrados; a vela que carregava sua vida foi acesa, e no exato instante em que ela queimou por completo, Gest morreu.²¹

5. Análise de discurso da narrativa

A Linguística Textual considera o texto em si como uma unidade legítima para estudos linguísticos. Ela vai além dos limites sintáticos e semânticos do texto e o estuda do ponto de vista do processo de comunicação entre autor, leitor e texto em um contexto específico. Dentro desse campo teórico-metodológico, o texto deve ser estudado dentro de seu contexto de produção e entendido como um processo, não como um produto acabado; a finalização da obra virá de sua recepção por parte do leitor. A produção textual é, necessariamente, uma atividade de interação.

Dois importantes conceitos dentro da Linguística Textual são a construção de sentidos e a intencionalidade. A construção de sentidos é feita pelo receptor do texto por meio da análise (consciente ou inconsciente) das mensagens e argumentos (implícitos ou explícitos) presentes nele; a esses significados subjacentes, chama-se “intencionalidade”, a maneira como o emissor usa o texto (conscientemente ou não) em prol de suas intenções. Para se estudar a intenção do texto, primeiro deve-se construir seu sentido.

A Análise Crítica do Discurso é um método de análise do discurso baseado em teorias e conceitos de Linguística e Ciências Sociais. Segundo este método, o discurso encontra-se situado em seu contexto sócio-histórico; ele é

²¹ Resumo feito com base na tradução para o português do conto. Ver Quintana, T. (2013). O conto de Norna-Gest. In: Birro, R. M. & Langer, J. (orgs.). *Escandinávia Medieval* (pp. 393-421). Vitória: DLL-UFES.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

criado e moldado pela estrutura social vigente, mas também cria e molda identidades sociais dentro dessa estrutura. Há uma relação direta entre o texto (prática textual) e a construção da sociedade (prática social), um círculo vicioso no qual não se pode definir começo e fim – pois se a sociedade constrói o texto, também o texto constrói a sociedade, e o intermediário nessa relação é o discurso (a prática discursiva). O discurso é o intermediário entre a língua e a sociedade. O foco da Análise Crítica do Discurso é o modo como as formas de exercício de poder se manifestam por meio do discurso, de como a prática discursiva serve de campo de batalha no conflito entre ideologias para se alcançar hegemonia, isto é, o domínio de uma ideologia sobre as outras.

Analisando-se criticamente o enredo de *O conto de Norna-Gest* a partir do contexto da produção literária dos nórdicos medievais, a primeira coisa a se perceber é que a história da chegada de Norna-Gest à corte do rei Olaf Tryggvason é um artifício estrutural – uma história dentro da qual outras histórias são contadas, à semelhança, por exemplo, de *Os contos de Cantuária*, de Geoffrey Chaucer (*The Canterbury Tales*, no original) – para as histórias narradas pelo protagonista, todas baseadas em sagas e poemas mais antigos (como a *Völsunga saga* e *Helreid Brynhildar*) e originários de quando os povos nórdicos ainda eram pagãos (apesar de só terem sido registrados por escrito na Islândia já cristã). Vê-se também que o conto é permeado por um discurso cristão. Ao mesmo tempo em que a narrativa exalta certos personagens pagãos, como Norna-Gest e Sigurd, ela os coloca, por meio da conversão de Gest, como subordinados ao rei que representa a cristianização da Noruega e a primeira tentativa sistemática por parte de uma autoridade superior de cristianização da Islândia.

Vejamos o personagem Norna-Gest: apesar de aparentar ser velho, ele ainda é forte e eloquente,²² além de cortês, impressionando até mesmo os outros hóspedes do rei;²³ é músico e poeta de grandes habilidades;²⁴ é um

²² “Pois Gest era ousado com as palavras e forte, mais do que outros homens antes dele, ainda que avançado em anos” (Quintana, 2013: 397).

²³ “Era um homem de boas maneiras e portou-se muito bem; também era apreciado e bem estimado pela maioria” (Quintana, 2013: 398).

²⁴ “Gest então pegou sua harpa e tocou bem noite adentro, agradando muito a todos que o ouviam, e foi quem melhor tocou ‘A melodia de Gunnar’ [...]” (Quintana, 2013: 400). Como dito anteriormente (ver nota 7), o ofício de poeta e contador de histórias era de grande importância na cultura nórdica medieval.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

homem de grandes conhecimentos,²⁵ que se estendem até o sobrenatural;²⁶ serviu como guerreiro ao lado de reis e heróis lendários do imaginário nórdico;²⁷ e é leal e devotado ao seu senhor,²⁸ qualidades admiradas entre os nórdicos.

E também o personagem Sigurd: é um dos maiores heróis do imaginário nórdico²⁹ e um grande guerreiro,³⁰ inspira lealdade e devoção em seus comandados,³¹ demonstra generosidade ao presentear Gest com o anel de ouro,³² cumpre seu dever filial³³ e é leal à família,³⁴ e também demonstra humildade e cortesia ao aceitar conselhos de Hnikar.³⁵

²⁵ “- Tens muito a nos contar sobre o que quer que desejemos saber – comentou Tryggvason.” (Quintana, 2013: 418).

²⁶ “Então o elfo deteve-se e comentou: - Uma tranca surpreendentemente forte para uma casa vazia!”; “O elfo fizera aquele comentário sobre a tranca porque Gest fizera o sinal da cruz antes de dormir, assim como os outros, apesar de na verdade ser pagão” (Quintana, 2013: 396-397).

²⁷ “E quando eu já estava por lá por um breve período, passei a servir Sigurd, assim como muitos outros.”; “Gest respondeu: - Estive com [os filhos de Ragnar Lodbrok] por um curto tempo” (Quintana, 2013: 403; 417).

²⁸ “Gest era leal ao rei e respeitava e observava os seus costumes” (Quintana, 2013: 420).

²⁹ “Os irmãos eram superiores aos outros homens em força e porte, e Sigurd era o maior deles; todos sabem que Sigurd fora o mais nobre de todos os reis guerreiros e o maior de todos em tempos antigos” (Quintana, 2013: 403).

³⁰ “E quando [Sigurd] confrontou Lyngvi, eles trocaram muitos golpes e lutaram com grande valentia. Ocorreu então uma pausa na batalha, pois todos assistiam ao duelo. Por um longo tempo, nenhum dos dois conseguiu ferir ao outro, pois ambos eram muito hábeis no manejo das armas” (Quintana, 2013: 408-409).

³¹ “Todos éramos devotados a ele, pois era modesto e amigável e também generoso para conosco” (Quintana, 2013: 403).

³² “Quando vi [o anel que se soltou do arção da sela] brilhando na lama, peguei-o e levei-o até Sigurd, mas ele me deu o anel – e esse é o ouro que vistes há pouco” (Quintana, 2013: 412).

³³ “Os filhos de Hunding o mataram, e portanto Sigurd tinha de vingar a ambos, seu próprio pai e o pai de sua mãe” (Quintana, 2013: 405).

³⁴ “Mas Gunnar e seus irmãos pediram a Sigurd Matador de Fafner que fosse à batalha com eles, e ele concordou” (Quintana, 2013: 410).

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodaafortuna.com

Até mesmo o deus Odin é apresentado, embora indiretamente, de maneira positiva (disfarçado de Hnikar, ele ajuda seu descendente Sigurd a cumprir seus objetivos), bem ao contrário do que foi feito, por exemplo, em outra narrativa, *Sörla tháttur eda Hédins saga ok Högna*, traduzida para o português como A saga de Hedin e Hogni.³⁶

Nem todo elemento pagão é apresentado de maneira positiva. A jornada de Brynhild (já morta) até Hel e seu duelo com a gigante faz com que Tryggvason peça que Gest não fale mais desses assuntos. Contudo, tampouco esses elementos são apresentados de forma negativa: Brynhild é acusada de ter provocado a morte do grande herói Sigurd, mas defende-se alegando que fora vitimada primeiro pelos filhos de Gjuki, que roubaram dela o amor do herói por meio de feitiçaria. Também sua origem divina (ela era uma valquíria antes de ser posta sob um sono encantado por Odin e ser salva por Sigurd) continua intacta, ainda que apenas de forma implícita,³⁷ ao contrário (novamente) da saga de Hedin e Hogni e outras narrativas, que apresentam os deuses nórdicos como meros feitiçeiros poderosos, e não divindades reais.

Mas ao mesmo tempo em que os elementos pagãos associados a um passado heroico e lendário dos povos nórdicos são glorificados, a narrativa possui um tema subjacente da predominância da fé cristã sobre o paganismo. O primeiro exemplo é quando o elfo adentra o salão onde Tryggvason, seus homens e Gest estão dormindo: embora seja Gest quem faça com que o elfo vá embora (e isso mostra o quão sábio é o personagem), ele o faz por meio do sinal da cruz,³⁸ mostrando o poder da religião cristã sobre o sobrenatural.

Outro exemplo é o peregrino que convence os filhos de Ragnar Lodbrok a não saquear Roma, a cidade sagrada do cristianismo. Tryggvason comenta explicitamente que o peregrino era um espírito enviado por Deus,³⁹ e

³⁵ “Sigurd respondeu que sim, pois presumia que [Hnikar] deveria ter muitos bons conselhos, se queria que as pessoas se beneficiassem deles” (Quintana, 2013: 407).

³⁶ Ver Quintana, T. (2011). A saga de Hedin e Hogni. *Revista Litteris*, v. 7, 39. Edição eletrônica no site <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/A_saga_de_Hedin_e_Hogni_Tiago_Quintana.pdf>. Acesso em 04/09/13.

³⁷ “Causei a morte do velho Hjalmgunnar ao dar a vitória ao jovem Agnar / Odin ficou furioso com isso e colocou-me sob um sono encantado” (Quintana, 2013: 416).

³⁸ Ver nota 23.

³⁹ “Esse homem devia ser um espírito enviado por Deus para que não causassem danos a Roma, o mais santo local de Jesus Cristo, pois é a única explicação para que abandonassem

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

no contexto da narrativa não há razão para duvidar disso, visto que o próprio Gest reconhece que, na época, todos acharam surpreendente que os vikings tivessem desistido da expedição apenas devido às palavras de um homem.⁴⁰

Ainda outro exemplo: de todas as cortes reais que Gest visitou – cortes de reis lendários como Sigurd Matador de Fafner e os filhos de Ragnar Lodbrok, e de reis importantes para a História dos povos nórdicos como Harald Cabelos Belos –, a que mais o agradou foi a de Hlodve (Luís I o Piedoso), na qual “o cristianismo era praticado com afinco” (Quintana: 2013, 418).

Finalmente, o principal exemplo do discurso cristão que corre no enredo é a conversão do próprio Gest ao cristianismo. Gest, com suas qualidades, seu convívio com lendas e heróis de antigamente e sua bênção sobrenatural, representa o passado pagão dos nórdicos (que – novamente – não é retratado de maneira negativa nesta narrativa). Já Tryggvason, que também é dotado de qualidades admiráveis (Gest diz que desejava servir ao rei norueguês porque “homens bons e sábios” o elogiavam,⁴¹ e mesmo o elfo que invade o salão reconhece que o rei é “o mais sábio dos homens”,⁴² qualidade que demonstra quando alerta seus convidados de que Gest não é um homem comum e que foi tolice desafiá-lo para uma aposta),⁴³ representa os nórdicos cristianizados. Gest aceita ser batizado⁴⁴ para servir ao rei Olaf⁴⁵ e depois coloca sua vida nas mãos de Deus,⁴⁶ aceita que se acenda a vela que o mantém

seus planos tão abruptamente” (Quintana, 2013: 418).

⁴⁰ “[...] e todos acharam extraordinário como, tendo apenas a palavra de um homem, os planos aos quais tinham se decidido foram abandonados” (Quintana, 2013: 417).

⁴¹ “- Vim porque esperava encontrar boa fortuna, pois vós [Olaf Tryggvason] sois muito elogiado por homens bons e sábios” (Quintana, 2013: 420).

⁴² “O rei não sabe tanto desses assuntos quanto os outros dizem, apesar de ser o mais sábio dos homens [...]” (Quintana, 2013: 396).

⁴³ “- Esse forasteiro deve ter visto e ouvido muitas coisas e saber de muito mais do que vós todos suspeitais.”; “- Então me parece, Gest, que meus homens e suas bocas arranjaram mais problemas para eles próprios do que para tu, mas isso logo veremos” (Quintana, 2013: 400-401).

⁴⁴ “- Tomarás o batismo sagrado agora?
 - Farei o que me recomendardes” (Quintana, 2013: 420).

⁴⁵ “E assim foi feito, e o rei Olaf tomou Gest em suas confidências e fez dele um de seus seguidores.” (Quintana, 2013: 420).

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

imortal e pede para ser ungido com óleos sagrados em seu leito de morte.⁴⁷ Este ato de conversão simboliza o paganismo (representado nesta narrativa por Gest) dando lugar ao cristianismo (representado por Olaf Tryggvason) ao mesmo tempo em que lega suas melhores qualidades à nova religião.

Ao se analisar criticamente a prática discursiva de uma obra, deve-se fazer três perguntas: em que contexto o texto foi produzido? Quem o produziu? Para quem ele foi produzido (isto é, quem é seu público-alvo)? Ao se analisar a prática social, deve-se fazer duas perguntas: existe uma ideologia, oculta ou evidente, presente no texto? E tal ideologia apoia o contexto ideológico predominante (isto é, a hegemonia preexistente), ou o confronta?

O autor do conto é desconhecido, mas como dito anteriormente, *O conto de Norna-Gest* foi produzido em um período no qual o cristianismo já era a religião dominante da Islândia. Mais: um período no qual a Islândia já não existia mais como entidade política independente, mas sim fazia parte do reino da Noruega, e durante o qual ocorria um conflito por poder político e econômico entre as famílias nobres (que eram as detentoras do poder antes desse período) e o clero. Além disso, a própria Noruega era governada por um rei estrangeiro, ainda que persistisse como entidade política.

Sendo assim, e levando em conta que o conto é uma narrativa de louvor (à semelhança dos poemas escaldicos) a Olaf Tryggvason, o mesmo rei que tentara catequizar a Islândia e um dos principais expoentes do processo de cristianização da Noruega, parece seguro afirmar que os conflitos ideológicos, sociopolíticos e econômicos entre o clero e a nobreza islandeses e entre a soberania norueguesa e o domínio dinamarquês encontram-se representados no discurso da narrativa.

Para determinar a posição ideológica do texto em relação a esses conflitos, é necessário observar o personagem Olaf Tryggvason, exaltado na prática discursiva do conto como representante da religião cristã e sucessor de heróis do imaginário nórdico. Sua importância para o texto não se dá apenas por ele ser o rei, mas especificamente por ser um rei cristão, a quem Gest (que, novamente, incorpora em sua figura um passado lendário dos nórdicos) deliberadamente procura para servi-lo; isso simboliza a predominância da fé

⁴⁶ “Certo dia, o rei perguntou a Gest quanto tempo ainda gostaria de viver, se pudesse escolher. Este respondeu: - Apenas um breve período, se Deus permitir” (Quintana, 2013: 420).

⁴⁷ “Gest deitou-se. Ele pediu para ser ungido com os óleos sagrados, e o rei ordenou que assim fosse.” (Quintana, 2013: 420).

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

cristã não apenas sobre o paganismo nórdico, mas também sobre o poder temporal. Além disso, por ser um rei norueguês de importância histórica na Islândia (especialmente para o clero islandês), seu papel na narrativa traz consigo o intuito subjacente de reforçar a predominância da Noruega (e não da Dinamarca) sobre a ilha.

Com os temas de glorificação da herança cultural nórdica e transmissão de valores e poderes para a nova ordem cristã (representada especificamente por um rei norueguês) correndo em paralelo na trama, pode-se afirmar que o conto exibe um discurso ideológico cristão e norueguês, no sentido de apoiar a hegemonia religiosa (e também socioeconômica) vigente e a autoridade norueguesa na Islândia (em contraposição à autoridade dinamarquesa sobre a própria Noruega). Além disso, ele demonstra a maneira em que o rei Olaf Tryggvason foi incorporado ao imaginário literário islandês do século XIV como o símbolo da cristianização dos nórdicos e da Coroa norueguesa.

6. Considerações finais

O esforço de cristianização dos povos nórdicos, mais do que um ato de devoção religiosa, foi um instrumento político por parte dos reis nórdicos para fortalecerem seus reinados: politicamente, reinos nórdicos cristianizados poderiam se aproximar dos reinos continentais, como a França ou o Sacro Império Romano Germânico (os possíveis benefícios dessas alianças foram exibidos quando o rei dinamarquês Harald *Klak* – “Harald o Contestador” em uma tradução livre – foi deposto pela primeira vez em 814, mas retornou ao trono graças à ajuda de Luís o Piedoso). Além disso, a adoção da religião cristã alteraria de modo fundamental a consciência sociopolítica do povo nórdico: virtudes, ideias e conceitos que antes eram exaltados pela cultura nórdica pagã (como o orgulho guerreiro e a honra pessoal, ou a proeminência do clã como a unidade social mais importante, acima de reis e senhores) passariam a ser condenados ou mesmo reprimidos pelo cristianismo, ao mesmo tempo em que se reforçaria o papel do rei como o árbitro maior da lei e da sociedade, usurpando o papel tradicional das assembleias comunitárias.⁴⁸

Não é de se surpreender que um conflito ideológico de tal magnitude se refletiria em várias camadas das sociedades nórdicas, inclusive sua produção literária. A Literatura não é uma representação exata da realidade (*mímêsis*), mas

⁴⁸ Cf. Jones, G. (1984). *A History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press; e Sorensen, P. M. Religions old and new. In: Sawyer, P. (org.). (1997). *The Oxford illustrated History of the Vikings*. Nova York: Oxford University Press.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
 uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

também é uma representação das ideologias e discursos presentes no contexto sociocultural no qual é produzida, esteja ela em harmonia ou em oposição às hegemonias vigentes.

O propósito deste artigo não é o de estudar a fundo a relação entre História e Literatura, mas apenas o de observar como os discursos presentes na narrativa islandesa *Norna-Gests thátttr* refletem um processo de conversão ideológica no qual a mitologia e o imaginário pagãos dos nórdicos medievais foram suplantados pela religião cristã e também os conflitos ideológicos e sociopolíticos entre a Noruega e a Dinamarca na Islândia, demonstrando como uma obra de ficção pode ser usada como prática discursiva para a construção e transformação da sociedade, ou para se confrontar ou defender ideologias e manter uma hegemonia discursiva existente.

Referências

Fontes

Norna-Gests Thátttr. Edição eletrônica no site
 <<http://www.snerpa.is/net/forn/nornages.htm>>. Acesso em 04/09/2013.

Bibliografia

Bentes, A. C. (2010). A abordagem do texto: considerações em torno dos objetos e unidades de análise textual. In: Lima-Hernandes, M. C. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino* (pp. 139-156). São Paulo: Paulistana.

Bentes, A. C. (2001). Linguística textual. In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras* (pp. 245-287). São Paulo: Cortez Editora.

Bentes, A. C. & Rezende, R. C. (2008). Texto: conceitos, questões e fronteiras contextuais. In: Signorini, I. (org.). *(Re)Discutir texto, gênero e discurso* (pp. 19-46). São Paulo: Parábola Editora.

Boulhosa, P. P. (2005). Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. *Signum*, n. 7, 13-39.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

Byock, J. L. (1990). *Medieval Iceland: Society, Sagas and Power*. Berkeley: University of California Press.

Clover, C. J. & Lindow, J. (orgs.). (2005). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: University of Toronto Press.

Dijk, T. A. van. (2012). *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto.

Fairclough, N. (2008). *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília.

Hardman, G. L. (2005). *The story of Norna-Gest*. Edição eletrônica no site <<http://www.northvegr.org/sagas%20annd%20epics/legendary%20heroic%20and%20imaginative%20sagas/old%20heithinn%20tales%20from%20the%20north/076.html>>. Acesso em 04/09/2013.

Harris, J. (1972). *The Thátr of Nornagest*. Edição eletrônica no site <<http://www.courses.fas.harvard.edu/~ext12129/Thattr/ThattrrofNornagest>>. Acesso em 04/09/2013.

Harris, J. (2005). Eddic poetry. In: Clover, C. J. & Lindow, J. (orgs.). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide* (pp. 68-156). Toronto: University of Toronto Press.

Jochens, J. (1999). Late and peaceful: Iceland's conversion through arbitration in 1000. *Speculum*, Cambridge, v. 74, n. 3, 621-655.

Jones, G. (1984). *A History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press.

Lindow, J. (2001). *Norse Mythology*. Nova York: Oxford University Press.

Lindow, J. (2005). Mythology and Mythography. In: Clover, C. J. & Lindow, J. (orgs.). *Old Norse-Icelandic literature: a critical guide* (pp. 21-67). Toronto: University of Toronto Press.

Lönnroth, L. (1997). The Vikings in History and legend. In: Sawyer, P. (org.). *The Oxford illustrated History of the Vikings* (pp. 225-249). Nova York: Oxford University Press.

Lönnroth, L. (2011). The Icelandic sagas. In: Brink, S. & Price, N. (orgs.). *The Viking World* (pp. 304-310). Londres: Routledge.

Quintana, Tiago.

“Pois vós sois muito elogiado por homens bons e sábios”:
uma análise dos discursos ideológicos em *O conto de Norna-Gest*
www.revistarodadafortuna.com

Quintana, T. (2013). O conto de Norna-Gest. In: Birro, R. M. & Langer, J. (orgs.). *Escandinávia Medieval* (pp. 393-421). Vitória: DLL-UFES.

Resende, V. M. & Ramalho, V. (2011). *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto.

Sawyer, P. (org.). (1997). *The Oxford illustrated History of the Vikings*. Nova York: Oxford University Press.

Sorensen, P. M. (1997). Religions old and new. In: Sawyer, P. (org.). *The Oxford illustrated History of the Vikings* (pp. 202-224). Nova York: Oxford University Press.

Recebido: 06 de setembro de 2013

Aprovado: 05 de outubro de 2013